

BILIOGRAFIA

AB'SABER, Aziz Nacib. O homem dos terraços de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

AMÂNCIO DA SILVA, Suely. Arte Rupestres do Xingó. Caderno do Simpósio de Etno-História do Nordeste, 1966.

AMÂNCIO DA SILVA, Suely. Sem título. Salvador: UFBA, 2001. Dissertação de mestrado.

BARRETO, Luiz Antônio (ORG.) A catequese. 1575: Documentos para a História de Sergipe. Sergipe: Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico/SEC, 1975.

BROCHADO, J. Proença. Na ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South América. Chicago: University of Illinois, 1984. Tese de doutorado.

CALDERÓN, Valentin. A fase Aratu no recôncavo e litoral norte do estado da Bahia. In: PRONAPA III. Resultados preliminares do terceiro ano, 1967-1968. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969.

DINIZ, Diana Maria (Coord.). Textos para a História de Sergipe. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 1991.

DOMINGUEZ, José Maria Landim & BRICHTA, Arno. Estudos sedimentológicos a montante da UHE de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

DURAND, Gilbert. As Estruturas Antropológicas do Imaginário: Introdução à Arqueologia Geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, Florestan. Organização Social dos Tupinambá. São Paulo: Difusão européia do livro, 1963.

FOGAÇA, Emílio. Análise preliminar de algumas indústrias líticas lascadas recuperadas em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

FOGAÇA, Emílio. Relatório de consultoria. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

GASPAR, Madu. Sambaqui: Arqueologia do litoral brasileiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

JERÔNIMO, Onésimo & CISNEIROS, Daniela. Indústrias líticas da área arqueológica de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

KNEIP, Lina Maria. Pescadores e coletores pré-históricos do litoral de Cabo Frio, Rio de Janeiro. São Paulo: Coleção do Museu Paulista, 1977.

KRAPPE, A. H. La Genèse des Mythes. Paris: Payot, 1952.

LEAKEY, Richard. A evolução da humanidade. São Paulo: Melhoramentos, 1981.

LEROI-GOURHAN, A. As religiões da pré-história. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1964.

LEROI-GOURHAN, A. Evolution et Technique. Paris: 1945.

LEROI-GOURHAN, A. L'Histoire et ses Méthodes. Paris, 1961.

LEROI-GOURHAN, A. Pré-História. São Paulo: EDUSP, 1981.

LÉVI-STRAUSS, C. Antropologia Estrutural II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989

LUNA, Suely & NASCIMENTO, Ana. Os grupos ceramistas do baixo São Francisco: Primeiros resultados. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Pernambuco: Editora da UFPE, 1997.

MATSUURA, Oscar Toshiaki. A consciência do cosmo. In Humanidades. Brasília: Editora da UNB, n° 11, 1986/87.

MEGGERS, B. J. & Evans, C. Lowlands of South America and Antilles. In: Jennings, J. D. (ed.) Ancient Native Americans. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1977.

MEGGERS, B. J. Evans, C. Lowlands, of South America and Antilles. In: Jennings, J. D. (Ed). Ancient Native Americans. San Francisco: W. H. Freeman and Company, 1977.

MEGGERS, Betty J. América pré-histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MEGGERS, Betty J. e EVANS, Clifford . Como interpretar a linguagem cerâmica. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1970.

MENDES, Josué Camargo. Conheça a pré-história brasileira. São Paulo: Editora da USP, 1970.

MENDES, Josvé Camargo. Conheça a Pré-História Brasileira. São Paulo: Editora da USP, 1970.

MÉTRAUX, Alfred. A religião dos tupinambás e suas relações com as das demais tribos tupi-guaranis. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Brasiliense, 1950.

MÉTRAUX, Alfred. La civilization materielle des tupi-guarani. Paris: Paul Geutner, 1928.

OSTROWER, Faiga. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1983.

PALMEIRA, José Arnaldo V. Restos alimentares fauníticos na área de Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: Editora da UNB, 1992.

RABELLO, Ângela. Imagens da Pré-História: As Mãos na Pintura Rupestres no Alto Sertão Baiano. Sinótese. Rio de Janeiro: SAB/Revista de Arqueologia nº 9, 1996.

RABELO, ÂNGELA. Imagens da pré-história: as mãos na pintura rupestre no alto sertão baiano. Rio de Janeiro: SAB/Revista de Arqueologia nº 9, 1996.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. Indústrias líticas do sul do Brasil. Porto Alegre: Veritas, 1979.

SALZANO, Francisco M. History of human biology in Brazil. Nova York: Association of Human Biologists Occasional Papers, 1990.

SANDERS, William T. & MARINO, Joseph. Pré História do novo mundo Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SANDERS, William T. S & Marino, Joseph. Pré-História do novo mundo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

SCHOBINGER, Juan. As origens do homem. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

SHAPIRO, Harry L. Homem, cultura e sociedade. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1966.

SILVA, Cristiana de Cerqueira & AMÂNCIO, Suely & ALMEIDA, Leila Maria Ribeiro. A fauna como matéria-prima de artefato no Sítio Justino – SE. Sergipe: Apostila do PAX, 1996.

SILVA, Suely G. Amâncio da. Arte rupestre em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

SIMON, Christian & CARVALHO, Olívia Alexandre de & QUEIROZ, Albérico Nogueira & CHAIX, Louis. Enterramentos na necrópole do Justino – Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1999.

STADEN, Hans. Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

VERGNE, Maria Cleonice de S. Enterramentos em dois sítios arqueológicos em Xingó. Sergipe: Cadernos de Arqueologia do PAX, 1997.

WARD, R. H. & GERSHOWITZ, H. & LAYRISSE, M. & NEEL, J. V. The genetic structure of a tribal population: the yanomama indians. **American Journal of Human Genetics**, 1975.

GLOSSÁRIO

ANÁLISE ESPECTOGRÁFICA - Uso de um espectógrafo para determinar a composição química de determinado objeto. Em arqueologia aplica-se à identificação dos pigmentos das pinturas rupestres, ao estabelecimento das fontes de argila utilizadas na produção de cerâmica, a análise dos vestígios biológicos, etc.

ANTIPLÁSTICO – elemento estranho à argila, adicionado propositalmente para reduzir a plasticidade da argila. Os mais utilizados são os cacos e conchas moídos, quartzos triturados e fragmentos vegetais. Também denominado tempero ou aditivo. Seu uso permite uma armação estável da peça e evita o rachamento enquanto as argilas são desidratadas

ARTROSE – afecção não inflamatória degenerativa de uma articulação.

ASPERSÃO - técnica de produção de pintura rupestre em que o homem pré-histórico sopra o pigmento sobre a superfície da rocha. Frequentemente ele interpõe objetos (mãos, pés, etc.), gerando uma cópia em negativo do motivo escolhido.

AUTOCTONISMO AMERICANO – teoria que admite a evolução do sapiens tendo ocorrido no próprio continente, sem resultar de imigração.

BASALTO – rocha negra ou cinza escura, de textura microcristalina, compacta e pesada. A mais freqüente das rochas vulcânicas. Pode ser lascada, embora as lascas só sirvam para trabalhos pesados ou grosseiros.

BASE – corresponde ao fundo do vasilhame, podendo ser plana, arredondada, com pés ou pedestal.

BASTONETE – pequeno bastão ou varinha. Em registros rupestres, forma em que o pigmento é preparado e utilizado em estado sólido, projetando-se em alto relevo.

BATEDOR OU PERCUTOR – lítico aproveitado (seixo, núcleo ou placa) como martelo para lascas rochas frágeis, fincar estacas, etc.

BIFACE – objeto lítico total ou quase totalmente lascado, com retoques profundos e que não apresenta mais o córtex ou apenas a zona cortical reduzida. A forma geral do artefato é de uma amêndoa ou folha. Também usado como machado de mão.

BIGORNA OU SUPORTE – seixo um pouco achatado ou bloco com face plana utilizado como apoio para objetos que serão percutidos. Também conhecido como quebra-coquinhos por se supor ter sido essa sua maior utilização.

BOJO – parte central do recipiente. Quando o diâmetro maior apresenta uma brusca inflexão angular, diz-se que o bojo é carenado.

BORDA – parte terminal do vaso, junto à boca. A extremidade da borda, por onde corre o conteúdo quando a vasilha fica inclinada é chamada de LÁBIO.

CACHIMBOS – comuns nos sítios pré-históricos brasileiros, os cachimbos de cerâmica podem ser tubulares ou angulares.

CALCEDÔNIA – mineral translúcido com brilho céreo. Predomínio de tons esbranquiçados. Variedade criptocristalina do quartzo.

CANYON (CÂNION) – garganta sinuosa e profunda cavada por um curso d'água.

CARENADO – artefato que tem uma quilha ou carena.

CERÂMICA CORRUGADA – os roletes utilizados durante a confecção das peças são pinçados transversalmente pelos dedos, formando-se pequenas ondas sucessivas.

CERÂMICA DIGITUNGULADA (DIGITADA) – a impressão sobre a massa, antes da queima da digital do artesão.

CERÂMICA ESCOVADA – à superfície do vasilhame, antes de ser levada à cocção, aplicou-se algum objeto áspero como o sabugo de milho, produzindo estrias.

CERÂMICA EXCISA – parte da superfície é retirada como recurso para decoração, formando ilustração em relevo.

CERÂMICA FRIÁVEL – uma temperatura de ao menos 450° a 600° C, necessária para a desidratação da argila, pode ser obtida numa fogueira a céu aberto, em que combustíveis e peças estão em contato direto. Algumas variáveis, como a temperatura, o arejamento do fogo, o tipo de combustível, a natureza da argila, as impurezas, a textura da pasta, podem resultar uma cerâmica mais sujeita ao esfarelamento. Diz-se que a cerâmica é friável.

CERÂMICA INCISA – a superfície do vasilhame foi decorada com cortes (incisão), com profundidade facilmente detectada. Os cortes podem ser regulares, simétricos ou irregulares.

CERÂMICA ROLETADA OU ANELADA – as peças são confeccionadas com justaposição de roletes, ou seja, rolos de pasta argilosa colocados em faixas sucessivas.

CHOPPER – o mais primitivo dos artefatos humanos líticos. Geralmente um seixo cujo gume é obtido por um pequeno número de destacamentos unifaciais.

CHOPPING-TOOL – similar ao chopper. O destacamento para a produção do gume é bifacial.

COCCÃO – o processo da cozedura da argila, em temperatura de ao menos 450° C, necessária para desidratar a argila.

COIVARA – técnica utilizada pelos indígenas brasileiros para a limpeza dos solos antes do plantio. Folhas ou pilhas de ramagens não atingidas pela queimada na roça a qual se deitou o fogo. Além de limpar o terreno, as cinzas são usadas para adubá-lo.

COPRÓLITO - Evidência arqueológica ou paleontológica constituída por restos fecais desidratados ou mineralizados, que conservam-se acidentalmente em camadas de sedimentos, em estrutura ou locais de defecação associados a corpos de animais e do próprio homem, ou no interior de exemplares mumificados. Conservam informações sobre as espécies biológicas, hábitos alimentares, doenças ou parasitoses intestinais, condições ambientais, práticas de higiene, etc.

CORTE ESTRATIGRÁFICO – escavação parcial de um sítio arqueológico, por níveis ou camadas, para verificação de seu conteúdo. O corte estratigráfico é, usualmente, retangular, medindo de 1 a 4 m².

DECAPAGEM – a decapagem fina de uma superfície de solo não se limita apenas a por em evidência um vestígio ou uma estrutura, mas consegue fazer salientar indícios fugazes extremamente lábeis nas nossas alterações químicas. Tais indícios podem ser representados por solos pisoteados, correspondentes a zonas mais movimentadas, buracos que podem corresponder aos pontos de inserção dos paus que sustentavam as cabanas, evidências de fossas em sepultamentos de sambaquis. Tais estruturas escapam seguramente, ao se empregar uma técnica mais rude; a própria decapagem cuidadosa pode, às vezes, deixar escapar vestígios diversos por motivos que fogem mesmo à perícia do arqueólogo. Por exemplo, uma erosão em determinada área pode eliminar uma série de vestígios e estruturas.

EMBIRA – palavra de origem tupi, espécie arbustiva da família das timeleáceas. Produz boa fibra na entrecasca. Empregada como cipó, para amarrar. Típica das matas úmidas.

ENGOBO – revestimento argiloso adicionado à superfície da peça. Destaca-se quando se trata de argila de outra cor (Tupi-guarani).

ESTRATIGRAFIA - Estudo das camadas ou estratos que aparecem superpostas num corte geológico. Em arqueologia, estudo dos sucessivos pisos de ocupação ou assoalhos culturais. É o principal método de datação relativa. Numa escavação arqueológica pode-se seguir a estratigrafia natural do sítio ou, se for aconselhável, adotar a estratigrafia artificial com extratos de espessura constante, arbitrariamente estabelecidos, geralmente com 1000, 20 cm de espessura.

FLORESTA MESÓFILA - típica dos trópicos (matas do litoral nordeste), com umidade e temperaturas elevadas.

FOTOGRAFIA AÉREA – Técnica de prospecção que utiliza-se da interpretação de fotos tomadas de aviões, para busca identificar sítios arqueológicos no solo, e que tem proporcionado resultados muito satisfatórios, particularmente quando são utilizados pares estereoscópicos de fotografias, o que permite melhor exame do relevo. Em Arqueologia são mais úteis as fotos tomadas obliquamente, ao nascer ou pôr do sol, e atitudes não são muito grandes, que são mais fáceis de interpretar.

GASTRÓPODE – molusco de concha univalve ou desprovido de concha.

GLACIAÇÕES – durante os últimos dois milhões de anos (pleistoceno) o clima foi muito instável. Pelo menos quatro vezes o gelo ártico deslocou-se dos pólos, atingindo o interior da Europa e América do Norte. Os níveis do mar abaixaram. Na África e América do Sul houve fases úmidas correspondentes, com pesadas chuvas. As alterações do clima selecionaram por extinção formas vivas que não conseguiram adaptar-se às condições cambiantes.

GPS – O Departamento de Defesa dos Estados Unidos opera e mantém o Sistema Global de Posicionamento (Global Positioning System – GPS) de satélite, os quais orbitam a terra a uma altitude de aproximadamente 20.000 Km. Cada satélite tem seu próximo sinal de identificação e padrão de transmissão. Os receptores GPS, no solo, monitoram os satélites e calculam a posição (Latitude, Longitude e Altitude) do ponto onde se encontram, usando os dados fornecidos pelos tais satélites.

GRAFITA – mineral constituído por uma variedade de carbônio puro. Cor cinzento-aço, brilho metálico e traço preto. Apesar de

ser encontrado em rochas eruptivas e sedimentares, a grafita é mineral típico de rochas metamórficas.

GRANITO – rocha holocristalina, cinzenta ou rósea, de granulação grosseira.

HELICÔNIA – planta herbácea tropical perene, da família das musáceas, freqüente nas matas úmidas.

HOLOCENO – atual período do quaternário iniciado a aproximadamente doze mil anos. Os sítios arqueológicos do Brasil estão incluídos no período, salvo alguns ao final do pleistoceno.

HOMINÍDEO – família de primatas que inclui os gêneros parantropo, australopteco e homo. No gênero homo a nossa é a espécie sapiens.

LÂMINA DE MACHADO – é uma lasca grande, na qual um bisel preexistente à elaboração constitui a parte cortante. As lâminas podem ser: unificiais ou bifaciais.

LASCA – fragmento obtido a partir de um núcleo de pedra (bloco, placa ou seixo). Algumas compreendem simples resíduos de retalhamento; outras, base de elaboração de objetos determinados.

LASCAMENTO BIPOLAR – o bloco a ser trabalhado (debitado) é colocado sobre uma bigorna e, em seguida, golpeado violentamente pelo batedor.

LASCAMENTO UNIPOLAR – o artesão segura um bloco de matéria-prima na mão esquerda e um batedor na mão direita.

Escolhendo uma superfície adequada (plano de percussão), bate nesta para retirar uma lasca do bloco.

LÍTICO POLIDO – obtido sobre um suporte chamado polidor fixo e com a ajuda de um abrasivo, como a areia e freqüentes lavagens com água. O polimento permite a obtenção de gumes resistentes.

MÃOS-DE-PILÃO – cilíndricas ou cônicas, são artefatos de pedra destinados à percussão difusa. Utilizados para triturar se-
mentos, notadamente. O trabalho de esmagamento se efetua por movimentos circulares e laterais e por uma sequência de pres-
sões e pequenas percussões.

MEGAFUNA – a instabilidade do clima, durante o pleistoceno (glaciações) afetou grandemente os mamíferos terrestres. Muitos dos mamíferos modernos apareceram no decorrer desse período. Os mamíferos de grande porte compreendem a megafauna.

NÚCLEO – massa lítica (pedra) retalhada para a confecção de lascas. Destacada da rocha-mãe e não apresenta o plano de fra-
tura e a face interna de uma lasca.

PALINOLOGIA – Técnicas de análise dos grãos de pólen, aplicáveis aos sítios arqueológicos. Os grãos do pólen conservam-se muito bem enterrados ou em ambientes úmidos, e como apresentam muitas for-
mas diferenciadas permitem identificar os gêneros e até as espécies presentes, em determinada época, proporcionando a identificação do meio ambiente, e até as conseqüências da ação humana sobre o mesmo.

PICOTEAMENTO – confecção de artefato lítico pela percussão repetida de uma superfície por um batedor, provocando seu esfarinhamento, com consecutiva abrasão progressiva.

PIRIFORME – em forma de pêra. Geralmente empregado para caracterizar a tipologia de urnas funerárias da tradição Aratu.

PLANO DE PERCUSSÃO – para a extração de lascas a partir de um núcleo, o artesão seleciona o ângulo e a pressão (pancada) sobre o ponto de impacto. A forma e a orientação (ângulo utilizado) assegurarão diferentes tipos de lascas.

PLATÔ – planalto.

PLEISTOCENO – época que segue ao plioceno (terciário) e marca o início do quaternário. Estendeu-se nos dois últimos milhões de anos até doze mil anos passados, quando dá-se o início do holoceno. Este período testemunhou a evolução biológica e cultural do gênero homo.

PONTAS DE PROJÉTIL – quase sempre bifaciais, recebendo, às vezes, acabamento por pressão. Corpo triangular com aletas e o pedúnculo.

PROPULSORES – mecanismo utilizado pelos caçadores pré-históricos para impulsionar objetos como lanças, dardos, etc.

QUARTZO – mineral mais freqüente na crosta terrestre. Elemento fundamental das rochas eruptivas, sedimentares e metamórficas. Incolor e transparente, apresenta-se em variadas colorações, sendo predominantes o translúcido e o opaco. Brilho vítreo. Quando fracionado e rolado, é o principal integrante da areia.

RASPADOR – utensílio de lasca ou de bloco da série de ferramentas plano convexas. Sua forma é submetida à função que é a

de raspar os materiais ósseos ou lenhosos. Por seu bordo funcional os raspadores são classificados. Os mais comuns são os raspadores frontais (terminais) e os raspadores laterais.

RESSONÂNCIA MAGNÉTICA – Técnica para medir a intensidade do campo magnético terrestre em dado ponto. Tal intensidade pode ser alterada pela presença de objetos metálicos, construções ou estruturas enterradas, o que permite a localização de evidências arqueológicas sem necessitar de escavações.

SENSORAMENTO REMOTO – Exploração e mapeamento da superfície terrestre por satélites, usando métodos variáveis, como, por exemplo, fotografias em infra-vermelho, micro-onhas (Radar) etc. Utilização de imagens obtidas por satélite para localização de sítios arqueológicos, tanto pela identificação direta, como indiretamente, através de alterações do relevo, solo ou cobertura vegetal.

SÍLEX – constituído de quartzo fibroso ou calcedônia, de cor cinza, amarela ou preta. Compacto, muito rijo, duro (risca o vidro). Translúcido nos cantos.

SUPERFÍCIE DE VASO CERÂMICO COM ALISAMENTO – tratamento úmido, deixando a superfície lisa e fosca.

SUPERFÍCIE DE VASO CERÂMICO COM POLIMENTO – executa-se quase a seco, com um objeto duro, dando ao vasilhame um brilho variável, de acordo com o apuro do trabalho e o grão da argila.

TEMBETÁ – do tupi, significando pedra do lábio inferior. Adorno de forma geralmente alongada, confeccionado o predomi-

nantemente com matéria-prima mineral e introduzido em furo no lábio inferior.

TRADIÇÃO – os arqueólogos utilizam a expressão tradição em lugar de cultura ou costume, porque freqüentemente, trabalham apenas as manifestações materiais e não as próprias culturas. Caracteriza-se como grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal.

TRIDÁCTILO – configuração geométrica que tem três dedos.

URNA CARENADA – no maior diâmetro do bojo há uma quilha ou carena, fruto de uma brusca inflexão angular.

ZOÓLITO – peça lítica em forma de animal.